



## **Afinal, o que é o fascismo? – *Fascismo: Conceito e História*, de Demian Melo<sup>1</sup>**

Guilherme Defina<sup>2</sup>

### **Resumo**

Esta resenha analisa a obra *Fascismo: conceito e história*, de Demian Melo, destacando sua proposta de oferecer uma síntese conceitual e historicamente fundamentada do fascismo enquanto fenômeno histórico específico. Argumenta-se que o autor combina rigor teórico e clareza expositiva, enfrentando a banalização contemporânea do conceito sem perder de vista os debates centrais da historiografia. A resenha enfatiza a vocação didática do livro e sua utilidade para pesquisadores, especialmente na sistematização de controvérsias analíticas relevantes. Ao mesmo tempo, aponta limites na exploração da dimensão transnacional do fenômeno e na problematização de suas variações contextuais. Conclui-se que a obra constitui uma referência sólida para a compreensão do fascismo histórico e para o uso criterioso do conceito no debate acadêmico e público.

**Palavras chave:** fascismo, conceito, história, historiografia, extrema-direita.

## **Después de todo, ¿qué es el fascismo? – *Fascismo: Conceito e História*, de Demian Melo**

### **Resumen**

Esta reseña analiza la obra *Fascismo: concepto e historia*, de Demian Melo, destacando su propuesta de ofrecer una síntesis conceptual e históricamente fundamentada del fascismo como fenómeno histórico específico. Se sostiene que el autor combina rigor teórico y claridad expositiva, abordando la banalización contemporánea del concepto sin perder de vista los debates centrales de la historiografía. La reseña enfatiza la vocación didáctica del libro y su utilidad para los investigadores, especialmente en la sistematización de controversias analíticas relevantes. Al mismo tiempo, señala limitaciones en la exploración de la dimensión transnacional del fenómeno y en la problematización de sus variaciones contextuales. Se concluye que la obra constituye una referencia sólida para la comprensión del fascismo histórico y para el uso riguroso del concepto en el debate académico y público.

<sup>1</sup> Este trabalho contou com financiamento da FAPESP (processo 2025/05525-1).

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/IFCH). Graduado em Ciências Sociais (bacharelado e licenciatura) pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da Universidade Estadual Paulista (UNESP/FCLAr). Pesquisador do Laboratório de Pensamento Político (PEPOL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/IFCH), do Observatório da Extrema-Direita Latino-Americana (OEDLA), sediado no Centro de Estudos Marxistas (CEMARX) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Transformações da Participação, do Associativismo e do Confronto Político (INCT Participa). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa Participação, Democracia e Políticas Públicas (GEPPADE) da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da Universidade Estadual Paulista (UNESP/FCLAr). Editor da Revista Temáticas (ISSN 2595-315X). Atua na área de Ciência Política, com ênfase em teoria e pensamento político, especialmente nos temas: história do pensamento político, fascismo, integralismo, conservadorismo e literatura e sociedade. E-mail: guilhermeferreiradefina@gmail.com

**Palabras clave:** fascismo, concepto, historia, historiografía, extrema derecha.

### **What is fascism, after all? – *Fascismo: Conceito e História*, by Demian Melo**

#### **Abstract**

This review examines *Fascismo: conceito e história*, by Demian Melo, highlighting its proposal to offer a conceptually and historically grounded synthesis of fascism as a specific historical phenomenon. It argues that the author combines theoretical rigor with clarity of exposition, addressing the contemporary trivialization of the concept without losing sight of the central debates in historiography. The review emphasizes the book's didactic orientation and its usefulness for researchers, particularly in systematizing relevant analytical controversies. At the same time, it points to some limitations in the exploration of the transnational dimension of the phenomenon and in addressing its contextual variations. It concludes that the book constitutes a solid reference for understanding historical fascism and for the careful use of the concept in academic and public debate.

**Key words:** fascism, concept, history, historiography, far right.

Qual liderança política nas primeiras décadas do século XXI não foi chamada de 'fascista' por seus adversários? Sejam governantes de extrema-direita, como Donald Trump nos Estados Unidos, mas também nomes como Nicolás Maduro na Venezuela, passando pelo russo Vladimir Putin, sua aliada Marine Le Pen na França, ou Jair Bolsonaro no Brasil? Mesmo o centro-esquerdista Partido dos Trabalhadores já foi acusado por publicistas e formadores de opinião de poucas luzes, na imprensa e nas mídias sociais, de serem daquela mesma família política (Melo, 2025, p. 11).

É a partir desse diagnóstico que Demian Melo estrutura *Fascismo: conceito e história*, obra lançada em 30 de outubro de 2025 pela editora Juruá. Desde a introdução, o autor explicita uma preocupação amplamente compartilhada entre os estudiosos do tema: a banalização do conceito de fascismo e a consequente perda de sua capacidade explicativa, fenômeno perceptível tanto no debate público contemporâneo quanto já no período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial.

Nesse sentido, o livro dialoga diretamente com a conhecida observação de Angelo Tasca (2020), segundo a qual “definir o fascismo é antes de tudo escrever sua história”. É precisamente esse movimento que Melo realiza ao longo da obra, articulando definição conceitual e reconstrução histórica. O autor busca responder a questões centrais para a compreensão do fenômeno, como as origens do fascismo e de sua principal variante, o nazismo alemão, as ideias e circunstâncias históricas que permitiram que essa ideologia despertasse entusiasmo em milhões de pessoas, os mecanismos de sua difusão para além dos países em que chegou ao poder e, por fim, as razões que explicam a sobrevivência de certos elementos

fascistas mesmo após a derrota dos regimes do Eixo em 1945.

Melo delimita explicitamente seu objeto como o fascismo histórico, tomando como marco inicial a fundação do fascismo italiano em 1919 e como ponto final a derrota das potências do Eixo na Segunda Guerra Mundial (Melo, 2025, p. 13). Valendo-se de bibliografia atualizada e do respaldo de autores consagrados nos estudos sobre o fascismo, como Robert Paxton, Emilio Gentile e Roger Griffin, o autor apresenta uma exposição didática e rigorosa sobre a emergência da ideologia fascista, o desenvolvimento dos regimes na Itália e na Alemanha e o papel decisivo da guerra no colapso dessas experiências. Ao final do livro, dedica ainda espaço à discussão da atualidade do fascismo, apontando para os riscos analíticos e políticos do uso indiscriminado do conceito no presente.

Do ponto de vista conceitual, Melo sintetiza as características ideológicas do fascismo a partir de um núcleo relativamente estável, composto pelo anticomunismo, antiliberalismo, anticonservadorismo, núcleo mítico palingenético, ultranacionalismo populista, culto da violência e culto ao chefe (Melo, 2025, p. 19). Essa sistematização responde diretamente a críticas clássicas e contemporâneas da historiografia. Já no final dos anos 1970, Gilbert Allardyce (1979) alertava para a tendência de inflacionar o termo fascismo, transformando-o em uma categoria excessivamente ampla e pouco rigorosa. Mais recentemente, Roger Griffin (2013) retomou essa preocupação, advertindo para os riscos de sua banalização no debate público contemporâneo. A proposta de Melo, ao insistir em critérios conceituais claros, vai na direção oposta dessa diluição analítica.

A obra também apresenta de forma clara as três principais posições existentes na historiografia sobre o fascismo. Segundo Melo (2025, p. 15), há aqueles que consideram o fascismo apenas um nome próprio para o fenômeno surgido na Itália em 1919, aqueles que defendem o fascismo como um conceito capaz de abarcar outras experiências europeias do período entre guerras, como o nazismo alemão e movimentos que não chegaram ao poder, e aqueles que assinalam a existência de movimentos fascistas em diversos países, reconhecendo que apenas na Europa tais experiências lograram conquistar o poder. Esta última perspectiva, que enfatiza o caráter transnacional do fascismo, constitui hoje a abordagem dominante no campo (ver, p. ex, Iordachi, 2010; Bauerkämper e Rossolinski, 2017; Griffin, 2018) e permite situar experiências como a Ação Integralista Brasileira (AIB) no interior do fenômeno.

Tendo em vista essas três posições assinaladas por Melo, vale lembrar que parte expressiva da historiografia sobre o fascismo, sobretudo até as últimas décadas do século XX, sustentou leituras bastante restritivas quanto à possibilidade de pensar o fenômeno para além de seus contextos de origem. Emilio Gentile, por exemplo, argumentou que qualquer tentativa

de definição do fascismo em termos supranacionais deveria necessariamente partir da experiência italiana, tomada como referência fundadora do fenômeno (Gentile, 2001 [1975], p. 20). Em sentido ainda mais categórico, o já citado Gilbert Allardyce questionou a própria validade do fascismo como conceito universal, afirmando que sua aplicação fora do caso italiano implicaria perda de sentido analítico (Allardyce, 1979, p. 270). Stanley Payne reforçou essa perspectiva ao caracterizar o fascismo como um fenômeno essencialmente europeu e historicamente delimitado ao período entre as duas guerras mundiais, destacando a baixa probabilidade de sua reprodução em outros contextos históricos (Payne, 1980, p. 176; 1995, p. 353). De modo convergente, Michael Mann observou que as mobilizações fascistas estavam profundamente enraizadas em configurações específicas da modernidade europeia, dependentes de estruturas sociais e dinâmicas internas próprias daquele continente, o que dificultaria sua emergência fora do Velho Mundo (Mann, 2008 [2004], p. 41).<sup>3</sup> Essas interpretações começaram a ser tensionadas ainda nos anos 1970, especialmente a partir dos trabalhos pioneiros de Héglio Trindade, que, ao analisar a AIB, evidenciou a existência de movimentos fascistas também na América Latina (Trindade, 1979 [1974]).

Embora concentre sua análise nos casos da Itália e da Alemanha, tradicionalmente considerados modelos de fascismo por terem assumido a forma de regimes, Melo também oferece contribuições relevantes ao tratar da repercussão transnacional do fenômeno. O autor dialoga com a literatura mais recente sobre a transnacionalização do fascismo, incorporando abordagens que vêm ganhando espaço institucional e editorial em iniciativas como a revista *Fascism: Journal of Comparative Fascist Studies* e a *International Association for Comparative Fascist Studies* (ComFas), que têm desempenhado papel central na consolidação do campo por meio do diálogo interdisciplinar e da circulação internacional de pesquisas.

Apesar desse diálogo, esse aspecto aparece de forma relativamente tímida ao longo da obra. Ainda que a ênfase de Melo recaia, de maneira justificada, sobre os casos em que o fascismo logrou efetivamente conquistar o poder, sobretudo na Itália e na Alemanha, seria possível conferir maior centralidade à circulação internacional de ideias, práticas e modelos organizativos entre movimentos fascistas. Nesse sentido, o livro poderia explorar com mais profundidade experiências e articulações como os *Comitati d'Azione per l'Universalità di Roma* (CAUR), bem como as múltiplas formas de recepção, adaptação e tradução do fascismo em contextos extraeuropeus. Casos como o da Ação Integralista Brasileira, mencionado apenas brevemente no capítulo final, ou ainda outros movimentos latino-americanos, oferecem

<sup>3</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre a delimitação europeia do conceito de fascismo, Cf. Bianchi e Melo (2023), estudo do qual Demian Melo é igualmente coautor.

exemplos particularmente ricos dessas dinâmicas de intercâmbio e reconfiguração, cuja exploração poderia contribuir para uma compreensão mais ampla do fenômeno e de sua relevância para a agenda política contemporânea.

Além disso, a sistematização conceitual proposta por Melo, ao identificar um núcleo relativamente estável de características do fascismo, constitui uma ferramenta analítica importante, sobretudo em um contexto marcado pela banalização do termo. Ainda assim, essa formulação poderia ser acompanhada de uma problematização mais explícita acerca das variações que o fenômeno assume em diferentes contextos históricos e nacionais. A depender das condições sociais, políticas e culturais específicas, os movimentos fascistas podem apresentar diferenças significativas quanto à ênfase, combinação e mesmo à presença de determinados elementos desse núcleo ideológico. Nesse sentido, uma maior atenção à plasticidade do fascismo, amplamente destacada por abordagens comparativas e transnacionais, permitiria tensionar a tendência à fixação de um modelo mais homogêneo do fenômeno.

Apesar desses limites, a obra apresenta contribuições importantes em diferentes frentes. Entre elas, destaca-se a demonstração, de forma inequívoca, de que o fascismo não constitui um fenômeno de esquerda, apesar de leituras recorrentes no debate público. Melo reconhece que o fascismo nasceu de um casamento profano entre o conservadorismo e uma retórica pretensamente revolucionária, influenciada pelas origens políticas de Benito Mussolini, mas mostra que, quando formalizado como partido em 9 de novembro de 1921, o Partido Nacional Fascista (PNF) era claramente de direita, ou mais precisamente de extrema-direita, tornando-se praticamente sinônimo dessa posição na teoria política (Melo, 2025, p. 27). O autor relembra ainda que o primeiro programa fascista chegou a incorporar propostas aparentemente progressistas, como jornada de oito horas, participação dos trabalhadores na administração das empresas, sistema tributário progressivo, republicanismo, voto feminino, abolição do Senado e críticas ao clero, elementos que foram rapidamente abandonados à medida que o movimento se consolidava.

No capítulo final, dedicado à atualidade do fascismo, Melo sustenta que o ano de 1945 marca o encerramento do fascismo enquanto fenômeno histórico plenamente constituído, isto é, como regime político que chegou efetivamente ao poder. A derrota das potências do Eixo e, sobretudo, a revelação dos crimes cometidos pelos regimes fascistas, com destaque para o Holocausto, tornaram incontornável o reconhecimento do caráter criminoso dessa ideologia. Esse legado explica por que, em diversos países, a apologia ao nazismo passou a ser criminalizada no pós-guerra, ainda que o autor chame atenção para assimetrias importantes, como o caso dos Estados Unidos, onde tal defesa permanece amparada por uma interpretação

extensiva da liberdade de expressão, em contraste com países que adotaram políticas mais ativas de proteção da ordem democrática.

Ao analisar comparativamente as respostas institucionais ao fascismo no pós-guerra, Melo destaca o caso alemão como exemplo de enfrentamento sistemático às ameaças extremistas. Desde a fundação da República Federal, mecanismos estatais foram criados para a defesa da constituição, resultando, entre outras ações, na ilegalização de tentativas de reorganização do partido nazista, política que se manteve mesmo após a reunificação alemã. A experiência italiana, por sua vez, é apresentada como menos rigorosa, permitindo a reorganização de remanescentes do fascismo no Movimento Sociale Italiano, partido que, embora periférico durante décadas, acabaria por se reconfigurar e integrar coalizões governamentais, evidenciando a capacidade de adaptação dessas correntes ao interior do sistema democrático.

Essas continuidades são interpretadas por Melo à luz dos conceitos de neofascismo e pós-fascismo, utilizados pela literatura para designar formas atualizadas de herança fascista que, embora rejeitem explicitamente certos aspectos do passado, preservam vínculos ideológicos, simbólicos e organizativos com ele (Melo, 2025, p. 111). O autor ressalta o caráter ambíguo dessas dinâmicas, nas quais esforços de distanciamento convivem com recorrentes reativações de referências fascistas, como demonstram grupos e lideranças contemporâneas, especialmente no contexto italiano.

No caso brasileiro, Melo observa que, embora a apologia ao nazismo seja criminalizada, não há uma legislação igualmente clara em relação ao fascismo, o que se explica tanto pela centralidade do nazismo nos crimes da guerra quanto pela derrota precoce do fascismo italiano. Ainda assim, o autor relembra que os remanescentes do fascismo histórico no Brasil, particularmente os integralistas, reorganizaram-se no pós-guerra por meio do Partido de Representação Popular (PRP), participaram da vida política da República de 1946 e apoiaram o golpe de 1964. Embora tenham ocupado uma posição marginal no interior do regime militar, esses grupos exerceram influência simbólica e cultural persistente, perceptível na permanência de valores integralistas na cultura política da extrema-direita brasileira, inclusive na reatualização recente de seu lema “Deus, Pátria e Família”, apropriado por lideranças contemporâneas mediante a adição do termo “liberdade”, ressignificado em chave excludente e autoritária.

Ao retomar o problema da banalização do conceito de fascismo no pós-guerra, Demian Melo reconhece que o termo foi frequentemente mobilizado de forma imprecisa para caracterizar ditaduras e regimes autoritários, especialmente na América Latina, ainda que tal

uso tenha sido, em muitos casos, impulsionado pela defesa de liberdades democráticas. Sem desconsiderar esses usos, o autor sustenta que tentativas de reatualização do fascismo continuaram a ocorrer após 1945, sobretudo na Europa, o que reforça a necessidade de rigor conceitual na sua aplicação.

Nesse sentido, *Fascismo: conceito e história* afirma-se como uma contribuição relevante ao demonstrar que a compreensão historicamente situada do fascismo constitui condição indispensável para o emprego analiticamente consistente do conceito no presente. Ao mesmo tempo, como sugerem os próprios limites da obra, esse esforço de precisão conceitual coloca também o desafio de articular tal rigor com a atenção às transformações, variações e circulações do fenômeno em diferentes contextos. É justamente nessa tensão que reside não apenas a atualidade do tema, mas também o papel central da história e da ciência política na análise crítica dos fenômenos políticos contemporâneos.

## Referências

ALLARDYCE, Gilbert. What Fascism Is Not: Thoughts on the Deflation of a Concept. **The American Historical Review**, v. 84, n. 2, p. 367–388, 1979.

BAUERKÄMPER, Arnd; ROSSOLINSKI, Grzegorz. **Fascism without borders**: transnational connections and cooperation between movements and regimes in Europe from 1918 to 1945. New York: Berghahn Books, 2017.

BIANCHI, Alvaro; MELO, Demian. Fascisms: a view from the South. In: PINHEIRO-MACHADO, Rosana; VARGAS-MAIA, Tatiana (Orgs.). **The Rise of the Radical Right in the Global South**. New York: Routledge, 2023. p. 15–35.

GENTILE, Emilio. **Le origini dell'ideologia fascista (1918-1925)**. Bologna: Il Mulino, 2001.

GRIFFIN, Roger. What fascism is not and is: thoughts on the re-inflation of a concept. **Fascism**, v. 2, n. 2, p. 259–261, 2013.

GRIFFIN, Roger. **Fascism**. Cambridge: Polity, 2018

IORDACHI, Constantin. **Comparative fascist studies**: new perspectives. London ; New York: Routledge, 2010.

MANN, Michael. **Fascistas**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MELO, Demian. **Fascismo: Conceito e História**. Curitiba, PR: Juruá Editora, 2025.

PAYNE, Stanley G. **Fascism: Comparison and Definition**. Madison: University of Wisconsin Press, 1980.

PAYNE, Stanley G. **A History of Fascism**, 1914-1945. Londres: Routledge; University of Wisconsin Press, 1995.

TASCA, Angelo. **El nacimiento del fascismo**. Booket: Barcelona, 2000.

TRINDADE, Hégio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. 2. ed. rev. e ampliada. ed. São Paulo: DIFEL, 1979.